



INTÉRPRETE EDUCACIONAL E A AQUISIÇÃO DE LIBRAS E PORTUGUÊS DO ALUNO SURDO COMO DESAFIO NO PROCESSO INTERPRETATIVO

Autores

Mairla P. Pires Costa | mairla.libras@gmail.com
Thiago W. Teles Rossi | thiagowilliamtr@gmail.com

INTRODUÇÃO

Com a Declaração de Salamanca em 1994, a Lei 10.436/02 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais e o Decreto 5.626/05 a educação inclusiva ganha força no país. Surge a figura do intérprete educacional – IE, que atua na mediação linguística entre instituição de ensino e aluno. A educação de surdos tem um percurso histórico permeado por lutas sociais e políticas, em busca por reconhecer a Libras. Sendo uma língua minoritária, possui diversos entraves para ser difundida e aceita socialmente. Esses fatores interferem no acesso dos surdos ao aprendizado da língua. O IE lida com variados desafios, requerendo tomadas de decisão que implicam diretamente na apreensão dos significados pelo aluno. Nesta pesquisa foram identificadas algumas estratégias utilizadas para tentar resolver as dificuldades do aluno surdo em decodificar sinais e palavras, com o intuito de possibilitar o entendimento dele durante o momento interpretativo.

OBJETIVO

Investigar estratégias utilizadas pelo IE em sala inclusiva em instituições de ensino público e privado na Grande Florianópolis, no qual se observou variados níveis de conhecimento linguístico de três alunos surdos em Língua Brasileira de Sinais de Língua Portuguesa.

METODOLOGIA

Este estudo tem como base a *teoria dialógica do discurso* de Bakhtin (2010), em que a linguagem por seu caráter comunicativo, envolve sujeitos, enunciados e sentidos, ocorrendo em contextos específicos. Decorrente do dialogismo¹, essas interações acontecem de modo ideológico, no qual o emissor (professor) e o receptor (aluno) interagem por meio do intérprete. Foram estudados os seguintes casos: dois intérpretes educacionais, um atuante em duas escolas da rede pública estadual e o outro em uma instituição privada de ensino profissionalizante, ambos na Grande Florianópolis, em que observaram distintos níveis de conhecimento linguístico de três alunos surdos, tanto em relação ao léxico de libras, quanto de português. Esses níveis foram sistematizados em oito categorias (Quadro 1), demarcados por três parâmetros (sinal, palavra e significado). Após identificar o (des)conhecimento dos alunos, analisou-se as escolhas feitas pelo IE.

1 - Segundo Brait (1997, p. 98), o “dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”.

Quadro 1 – Categorias de nível linguístico

Nº	CATEGORIA DO NÍVEL LINGUÍSTICO	Nº	CATEGORIA DO NÍVEL LINGUÍSTICO
1	0 - Não conhece sinal 0 - Não conhece palavra 0 - Não conhece significado	2	1 - Conhece sinal 0 - Não conhece palavra 0 - Não conhece o significado
3	1 - Conhece sinal 1 - Conhece palavra 0 - Não conhece o significado	4	0 - Não conhece sinal 0 - Não conhece palavra 1 - Conhece o significado
5	0 - Não conhece sinal 1 - Conhece palavra 1 - Conhece o significado	6	1 - Conhece sinal 0 - Não conhece palavra 1 - Conhece o significado
7	0 - Não conhece sinal 1 - Conhece palavra 0 - Não conhece o significado	8	1 - Conhece sinal 1 - Conhece palavra 1 - Conhece o significado

Fonte: Os autores (2016).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: —. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
LACERDA, Cristina B. F. de. *Intérprete de libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação, 2012.
SANTOS, Lara Ferreira dos. *O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e*

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Com base nas observações das atuações dos dois intérpretes pesquisados, seguido pela reflexão fundamentada pela perspectiva bakhtiana, os profissionais identificaram que o nível linguístico dos alunos surdos estão classificados nas categorias 2, 3, 4 e 6, sendo estas bastante recorrentes durante a interpretação dos conteúdos em diversas disciplinas em sala de aula inclusiva. Desse modo, aplicaram estratégias específicas para cada ocasião, ou seja, durante o gênero “aula” de determinadas disciplinas, de com vistas ao agir a partir de uma atitude responsiva, possibilitando ao profissional que transcreve a enunciação do locutor (professor) e que favoreça a assimilação dos conteúdos pelos alunos, de modo que apreendam sentidos e ampliem o vocabulário. No quadro 2 listou-se quatro situações em que os intérpretes identificaram o desconhecimento de um ou mais parâmetros (palavra, sinal ou significado) por parte dos alunos surdos.

Quadro 2 – Categorias recorrentes de nível linguístico observadas pelos intérpretes

CORRUPÇÃO		PERCENTUAL (%)	
2	1 – Fez soletração manual para relacionar o sinal à palavra 2 – Explicou o significado por meio da aplicação de um exemplo contextualizado 3 - Expôs o sinal em outros contextos, a partir da explicação.	3	1 - Usou desenhos para representar graficamente o significado 2 - Demonstrou ao aluno a utilização do conceito matemático em determinados contextos. 3 - Solicitou ao aluno que respondesse questões relacionadas ao conceito.
EMPILHADEIRA		ETIQUETAR	
4	1 - Mostrou a imagem ao aluno, após ele indicar a não decodificação da palavra durante a leitura de material. 2 - Perguntou se conhece o sinal e o apresentou, caso a resposta seja negativa.	6	1 - Pesquisou a imagem na internet e mostrou ao aluno 2 - Aplicou o sinal no contexto da aula. 3 - Questionou ao aluno que utilizasse o sinal em outro contexto.

Fonte: Os autores (2016).

Este profissional que atua no contexto educacional, está imerso no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, há uma forte inter-relação entre o fazer do intérprete (realizar transposições legítimas de sentido de uma língua para outra) e construção de conceitos (inerente aos espaços pesquisado neste estudo). É recorrente no cotidiano deste profissional que trabalhe com alunos surdos que desconhecem determinados sinais, palavras ou que tenham dificuldade em relacionar o significante ao significado. É a partir da interação com falantes da sua língua que ampliamos nosso vocabulário em que muitas vezes, o intérprete é o único falante fluente que o aluno tem acesso. Desse modo, durante o ato interpretativo, o intérprete educacional é para o aluno surdo “[...] um parceiro no processo de construção de conhecimento” (SANTIAGO, 2015, p. 86).

criações. 2014. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SANTIAGO, Vânia de A. *A Atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SOBRAL, Adail. *Dizer o ‘mesmo’ a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: SBS, 2008.